

A CONTABILIDADE GERENCIAL NAS LANCHONETES DO CENTRO DE CONVIVENCIA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO DISTRITO FEDERAL

Charlene da Silva – Cico IAN – Faculdade Projeção
Elica Dantas – Cico IAN – Faculdade Projeção
Geraldo Barbacena – Cico IAN – Faculdade Projeção
Marco Aurélio – Cico IAN – Faculdade Projeção
Paloma Amorim – Cico IAN – Faculdade Projeção
Rosilene Alves – Cico IAN – Faculdade Projeção

Professor (a): Lucineide Alessandra Miranda da Cruz

RESUMO

A contabilidade é o maior sistema de informação que uma empresa possui e é por isso indispensável à gestão. Hoje, a contabilidade é vista apenas como uma obrigatoriedade fiscal, portanto cabe aos contadores explicar sua capacidade de auxiliar os executivos nas tomadas de decisões. O desenvolvimento deste trabalho objetivou demonstrar que a contabilidade gerencial é capaz de auxiliar o corpo administrativo da pequena empresa em suas tomadas de decisão. Este trabalho corresponde ao desenvolvimento de uma pesquisa que investiga a importância da contabilidade para as empresas de pequeno porte, mostrando a necessidade de se ter acesso a informações úteis que possibilitem ao gestor administrar seu negócio de maneira eficiente. Mostra a contabilidade como instrumento maior da administração, sua importância para micros e pequenas empresas, principalmente a contabilidade gerencial, já que através desta o empresário pode tomar suas decisões com mais segurança. Finaliza com a conclusão da pesquisa, onde apresenta a importância da contabilidade para a micro e pequena empresa, mostra que ao utilizar a contabilidade, ainda que apenas a contabilidade gerencial, que é a base de uma administração segura, os casos de sucesso e de sobrevivência dessas empresas aumentaria de maneira significativa, além de possibilitar um melhor acompanhamento do desempenho do negócio.

Palavras-chave: Contabilidade Gerencial. Microempresas. Empresas de Pequeno Porte. Planejamento Financeiro.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente econômico empresarial vem se modificando ao longo do tempo. As tomadas de decisão são mais rápidas, as relações de trabalho mais flexíveis e incentivadas, a logística passa a ter papel fundamental em empresas que competem cliente a cliente, a tecnologia da informação abre novos canais de distribuição.

As empresas e sua demanda por informação evoluem a cada dia, alterando o papel da contabilidade dentro das organizações. A contabilidade gerencial funciona como uma

ferramenta que auxilia a administração da empresa no processo de redução de custos, aumento de lucratividade e planejamento estratégico.

O aumento da concorrência e a escassez de recursos disponíveis têm contribuído para as constantes mudanças na gestão dos negócios. Com isso, acentua-se a necessidade de informações que auxiliem os administradores nas tomadas de decisão.

A contabilidade gerencial vem preencher essa lacuna produzindo informações objetivas, úteis e relevantes através da combinação da contabilidade financeira com várias áreas do conhecimento de negócios.

Foi feita uma pesquisa em uma instituição de ensino superior do Distrito Federal, cujo nome foi preservado, com o objetivo de colocar em discussão a otimização do processo de comunicação enquanto instrumento da contabilidade gerencial e o papel do contabilista como agente de disseminação desse ramo da contabilidade.

A contabilidade gerencial é uma fonte rica em informações no processo de tomada de decisão. No entanto, ela é facultativa, as ferramentas desenvolvidas por esse ramo da contabilidade suprem a gerência de dados sobre a situação da empresa visando a melhor escolha dentre as alternativas existentes.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. CONTABILIDADE GERENCIAL

2.1.1 Conceito

A contabilidade gerencial é muito antiga e sempre existiu para auxiliar as pessoas a tomarem decisões. Segundo Marion (1998) a contabilidade é o instrumento que fornece o máximo de informações úteis para a tomada de decisões dentro e fora da empresa. Com o passar do tempo o governo começa a utilizar-se dela para arrecadar impostos e torna obrigatório para a maioria das empresas.

A contabilidade gerencial, através de um sistema de informações, de métodos e conhecimento da organização e da utilização do planejamento, fornecerá informações para atender a necessidade de seus usuários, com relatórios que demonstram os resultados por atividades e global da empresa, comparando-se o planejado com o realizado, para análise da gestão empresarial e da necessidade de tomada de decisões, visando auxiliar a empresa a atingir seus objetivos.

A contabilidade gerencial é voltada para a melhor utilização dos recursos econômicos da empresa, através de um adequado controle dos insumos efetuados por um sistema de informações gerenciais. Crepaldi (1998) define a contabilidade gerencial como o ramo da contabilidade que tem por objetivo fornecer instrumentos aos administradores de empresas que os auxiliem em funções gerenciais.

A Contabilidade Gerencial é o processo de produzir informação operacional e financeira para funcionários e administradores. O processo deve ser direcionado pelas necessidades informacionais dos indivíduos internos da empresa e deve orientar suas decisões operacionais e de investimentos. (ATKISON et al., 2000, p. 798)

A contabilidade gerencial utiliza em suas aplicações outros campos de conhecimento, como os conceitos da administração, da estrutura organizacional, bem como da administração financeira. Com a utilização de procedimentos e técnicas contábeis, produz relatórios de informações, desenvolvidos conforme as necessidades dos usuários, para serem utilizados no processo de avaliação ou nas tomadas de decisões da empresa.

2.2. O CONTADOR GERENCIAL DENTRO DAS EMPRESAS

2.2.1 Finalidade da Contabilidade Gerencial

Contabilidade gerencial é o ramo da contabilidade que tem por objetivo fornecer instrumentos aos administradores de empresas que os auxiliem em suas funções gerenciais. É voltada para a melhor utilização dos recursos econômicos da empresa com a finalidade de produzir informações estratégicas, econômicas e de gestão das operações, de custos e das demais atividades organizacionais que ocorrem na empresa, para o processo decisório e de controle, com medidas de desempenho e lucratividade.

Medidas da condição econômica da empresa, como as de custos e lucratividade dos produtos, dos serviços, dos clientes e das atividades das empresas, são obtidas dos sistemas de contabilidade gerencial sendo também, um dos meios primários pelo qual operadores/funcionários, gerentes intermediários e executivos recebem feedback sobre seus desempenhos, capacitando-os a aprenderem com o passado e melhorarem para o futuro. (ATKINSON et al., 2000, p.36)

Devido às constantes mudanças que vem ocorrendo dentro das empresas, são necessários cada vez mais controles precisos e informações sobre os seus negócios para adequar as suas operações as novas situações. Durante anos a contabilidade a contabilidade foi vista apenas como um sistema de informações tributárias.

As empresas de pequeno porte normalmente são administradas pelos próprios sócios, que tem formação técnica ligado ao seu negócio, mas sem a formação administrativa de gestão, tais como administração, finanças, economia, marketing, etc. isto tem levado a um grande numero de falências, concordatas e fechamento das pequenas empresas nos seus primeiros anos de vida.

O contador gerencial, pela própria natureza das funções que lhe são solicitadas a desempenhar, necessitará de formação bem diferente daquela exigida para o profissional que atua na contabilidade formal, precisando assim de bons conhecimentos matemáticos e estatísticos, pesquisa operacional e técnicas de planejamento.

Sem o conhecimento do mercado, da concorrência, da formação de preços, do controle dos gastos, do controle dos estoques, do fluxo de caixa, do ponto de equilíbrio, de um planejamento tributário, da legislação pertinente ao seu negócio, os empresários tomam decisões incompatíveis com os objetivos da empresas levando-as a falência precocemente.

2.2.2 Perfil do Contador Gerencial

Para ser um profissional contábil de sucesso é necessário ter uma visão ampla do ambiente das organizações, para tanto, este profissional deve estar preparado para assumir este papel, a contabilidade gerencial, aliada com outras áreas do conhecimento científico, dará este suporte, com a finalidade de agregar valor a esta profissão tão nobre e promissora dentro deste novo modelo de fazer contabilidade.

O contador gerencial é definido como um profissional que identifica, mede, acumula, analisa, prepara, interpreta e relata informações financeiras e operacionais para o uso da administração da empresa, nas funções de planejamento, avaliação e controle de suas atividades e para assegurar o uso apropriado e a responsabilidade de seus recursos.

Para exercer com presteza a sua profissão o contador deve estar envolvido em todo processo decisório da empresa e conhecer profundamente o negócio da empresa. Para entender melhor o papel do contador gerencial nas organizações é necessário conhecer profundamente a contabilidade gerencial e seus objetivos.

A Contabilidade Gerencial tem como objetivo facilitar o planejamento, controle, avaliação de desempenho e a tomada de decisão internamente, através de relatórios de orçamento, contabilidade por responsabilidade, desempenho, custos e relatórios especiais com a finalidade de facilitar a tomada de decisão. (PADOVEZE, 2000, p. 32).

Estes relatórios são apresentados de acordo com a necessidade da administração, com valores históricos e previstos, utilizando para tanto varias bases de moedas, sem restrição dos princípios de contabilidade geralmente aceitos, com exceção daqueles determinados pela administração.

A contabilidade gerencial utiliza-se de outras disciplinas como, economia, finanças estatísticas, pesquisa operacional e comportamental organizacional. Padoveze (2000) alista quatro características principais qualitativas da informação contábil:

1- Relevância: define como informação relevante, aquela informação capaz de influenciar uma avaliação ou tomada de decisão, imediata ou futura. Os fatores que influenciam na relevância da informação disponibilizada pelas demonstrações contábeis são: oportunidade, tempestividade, materialidade, valor preditivo e feedback.

2- Compreensibilidade: as informações contidas nas demonstrações, não devem ser excessivas e complexas de tal modo a comprometer a compreensão por parte dos usuários, destruindo a essência das demonstrações, que de informar.

3- Confiabilidade: uma informação é de qualidade quando a mesma se tem minimizado a possibilidade de erros na sua geração. A informação apresentada deve representar de forma fiel a realidade.

4- Comparabilidade: os usuários devem comparar as demonstrações contábeis de uma empresa através do tempo, a fim de identificar tendências na posição patrimonial-financeira e no seu desempenho.

Para que o trabalho do contador gerencial alcance com mais eficiência o seu resultado final é essencial que no decorrer dos seus trabalhos utilize de todas as suas ferramentas de trabalho com o intuito de aperfeiçoar os seus serviços. Ser um contador gerencial, não é um exatamente uma função específica dentro das organizações, mas sim um comportamento profissional e uma postura a ser aplicada dentro do desenvolvimento das atividades das organizações.

2.2.3 Função do Contador Gerencial dentro da Empresa

A função básica do contador é produzir informações úteis aos usuários da contabilidade para a tomada de decisões. Ressalte-se, entretanto, que, em nosso país, a função do contador foi distorcida, estando voltada exclusivamente para satisfazer às exigências do fisco.

O contador gerencial deve esforçar-se para assegurar que a administração tome as melhores decisões estratégicas para o longo prazo. O desafio é propiciar informações úteis e relevantes que facilitarão encontrar as respostas certas para as questões fundamentais, em toda a empresa, com um enfoque constante sobre o que deve ser feito de imediato e mais tarde. É necessário que os contadores gerenciais ultrapassem a informação contábil para serem proativos no fornecimento de dados pertinentes e oportunos sobre essas questões empresariais mais amplas. (CREPALDI,1998, p.29)

A contabilidade gerencial também se vale, em suas aplicações, de outros campos de conhecimento não circunscritos à contabilidade. Atinge e aproveita conceitos da administração da produção, da estrutura organizacional, bem como da administração financeira, campo mais amplo, no qual toda a contabilidade empresarial se situa.

O contador gerencial pela própria natureza das funções que lhe são solicitadas a desempenhar necessitará de formação bem diferente daquela exigida para o profissional que atua na contabilidade formal. Estudará contabilidade como sistema de informação integrado ao sistema de informação global da empresa, voltando ao atendimento das necessidades de informação.

O contador gerencial, também conhecido como controller da empresa, tem como a principal função na moderna contabilidade gerencial, a função de assessoria, é o seu departamento que tem a incumbência de prestar serviços especializados os outros administradores e á presidência da empresa. Muitos gerentes querem que o contador ofereça sugestões sobre uma decisão, mesmo que a decisão final sempre pertença ao executivo operacional. Um contador gerencial deve ser elemento com formação bastante ampla.

Saber tratar, refinar e apresentar de maneira clara, resumida e operacional dados esparsos, contidos nos registros da contabilidade financeira, de custos etc., bem como juntar tais uniformes com outros conhecidos não especificamente ligados á área contábil, para suprir a administração em seu processo decisório. Deve estar ciente de certos conceitos de microeconomia e observar as reações dos administradores quanto á forma e conteúdo dos relatórios. Deve ser elemento com formação bastante ampla, inclusive de conhecimento, senão das técnicas, pelo menos dos objetivos ou resultados que podem ser alcançados com métodos quantitativos. (IUDÍCIBUS, 2002, p. 23).

Sendo assim, no processo de gestão, tanto empresarial como operacional, financeira ou econômica, ter um caminho traçado a se seguir é fundamental para sabermos se a empresa está indo no caminho certo ou não. Se os gestores estão tomando as decisões corretas, se estão agindo da melhor maneira, enfim, é poder fazer uma comparação entre o desejado e o realizado.

2.3. O PLANEJAMENTO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

2.3.1 O planejamento no processo de gestão

É notório que o Brasil tem grande números de empreendedores, que desejam montar seu próprio negócio, mesmo porque inexistente emprego para a população economicamente ativa nos números necessários seja na área privada ou pública, o que depende totalmente da capacitação e qualificação do pretendente de conformidade com o perfil desejado.

A eficácia da empresa é visualizada na passagem para uma situação futura objetivada, presumivelmente melhor do que a atual, a partir de um conjunto encadeado de processos de decisão sobre eventos, e que caracteriza o processo de gestão. As decisões atuais, tomadas em t_0 , apresentam, portanto, desdobramentos futuros em t_n , sendo que apenas nesse último momento o impacto patrimonial se efetiva. (REIS, 1997, p.81).

Nesse universo de incertezas muitos empreendedores resolvem desenvolver uma atividade econômica através de uma empresa individual ou sociedade, o que é verdadeiramente positivo.

A primeira ação deve ser o planejamento empresarial, que embasa nos princípios de administração que são: planejamento, organização, comando, controle e coordenação.

O planejamento representa parte significativa para o sucesso do empreendimento o conseqüentemente poderá abreviar no retorno operacional do investimento.

Toda a ação que antecede a uma decisão deve ser cuidadosamente administrada, para que resulte em positividade e de conformidade com o que foi plenamente aprovado no planejamento da empresa.

2.3.2 Planejamento Estratégico

O planejamento estratégico, no entendimento de Iudícibus (2002), é um processo de decidir sobre as mudanças de objetivos da organização, de que recursos que a empresa deve usar para atingir esses objetivos, e de políticas que devem reger a aquisição e uso desses recursos.

A essência do planejamento estratégico é produzir as estratégias necessárias para permitir à organização navegar, com sucesso, em mares de águas turbulentas, ventos fortes, enfrentando tempestades e tormentas.

A Estratégia Empresarial tem como fundamentação básica o estabelecimento dos objetivos e missões primordiais da empresa. Desta forma se entende que a elaboração de uma estratégia é o ponto chave para que uma organização atinja o êxito desejado. Assim se a estratégia adotada for correta, percebe-se, entretanto que por mais erros táticos possam ser cometidos durante o processo de implementação, a empresa ainda será vitoriosa.

No Planejamento Estratégico da empresa é recomendável utilização dos demonstrativos contábeis ou financeiros para o período que se refere citado planejamento, podendo sofrer alterações dependendo dos fatores internos e externos que possam afetar a gestão empresarial.

A escolha de um sistema de informática é atualmente uma das tarefas de maior importância para a gestão empresarial, o que poderá trazer maior segurança e tranquilidade das informações nele inserida, possibilitando estabelecer controle inclusive á distância, em suma é imprescindível essa opção, já que temos eficientes e eficazes sistemas que já demonstrarão sua competência e qualidade, atendendo aos mais variados relatórios ou controles personalizados.

2.4. FERRAMENTAS GERENCIAIS PARA GESTÃO DE UMA EMPRESA

2.4.1 Balanço Patrimonial

Entre as demonstrações financeiras temos balanço patrimonial, que identifica a situação patrimonial da empresa num dado momento. “Balanço patrimonial, é a demonstração financeira que mostra os valores contábeis da empresa em um determinado momento” (ROSS et. al., 2000, p.56). Os lançamentos contábeis são feitos de acordo com o regime de competência, ou seja, pertencem ao exercício em que ocorreu o fato gerador, independente de pagamento ou recebimento.

O balanço patrimonial é composto pelo ativo que representa os bens e direitos expressos em moeda. Os ativos podem ser entendidos como os recursos de valor sobre os quais a empresa tem direito de uso. Também pode ser definido como sendo um recurso sob controle da empresa, capaz de gerar benefícios futuros. As contas do ativo estão agrupadas de acordo com o grau de liquidez.

Pelo passivo que representa as obrigações com terceiros, (tais como: contas a pagar, empréstimos a pagar, impostos a recolher etc.). O passivo são compromissos que ela tem contra seus recursos ou ativos.

As contas do passivo são agrupadas de acordo com o grau de exigibilidade, ou seja, as contas que encabeçam o plano de contas são as que o prazo de pagamento ocorrerá primeiro.

E pelo patrimônio líquido, representa os compromissos contra os recursos ou ativos da organização. Seu valor representa o montante de recursos que os proprietários colocaram na empresa, bem como a parcela de lucros retidos. É importante lembrar que o ativo será sempre igual ao somatório do passivo e do patrimônio líquido. Se os recursos aumentam (ativo), esse aumento corresponde ao aumento de obrigações (passivo) ou de investimentos feitos pelos proprietários na empresa (patrimônio líquido). O mesmo acontece quando os recursos diminuem, significa que as obrigações com terceiros foram liquidadas ou o patrimônio líquido é reduzido.

As origens de recursos ocorrem no passivo quando originarem de terceiros, o que significa que a empresa está usando o capital de terceiros para financiar o ativo, seja através de empréstimos ou obrigações assumidas para manter o ciclo financeiro da empresa. Essa situação deve ser analisada com cuidado, já que existe um nível razoável de capital de terceiros que a empresa deve utilizar para manter-se, é importante lembrar que este nível é variável para cada tipo de empresa.

As origens de recursos ocorrem no patrimônio líquido quando provem de recursos próprios aplicados na empresa. A soma dos recursos originados de terceiros e os de recursos próprios estão aplicados no ativo da empresa, seja através de dinheiro em caixa, aplicações em bancos, estoques disponíveis para a venda, investimentos de curto e longo prazo ou de imobilizações realizadas.

2.4.2 Plano de Contas

Plano de contas é uma matriz operativa em que são fixadas as regras que devem ser cumpridas durante o processo de escrituração contábil, proporcionando perfeita harmonia entre as características gerais da empresa e o produto esperado pelos usuários das informações contábeis, assegurando assim padronização de procedimentos e racionalização na execução dos serviços. Segundo Padoveze (2000), o patrimônio de uma empresa deve ser discriminado por espécie. É através dos registros contábeis que é feita esta discriminação da qual podemos separar os bens direitos e obrigações de uma empresa. A conta contábil é o meio que possibilita os registros dos elementos do patrimônio e é a forma de representar tais elementos.

O plano de contas deve expressar, por meio das contas contábeis, o negócio e a particularidade de uma organização. Iudícibus (2002) entende que ao preparar um projeto para desenvolver um Plano de Contas a empresa deverá buscar várias possibilidades de relatórios gerenciais e para uso externo, prevendo contas de acordo com os diversos relatórios a serem produzidos.

A montagem de um plano de contas deve ser personalizada, por empresa, já que os usuários de informações podem necessitar detalhamentos específicos, que um modelo de Plano de Contas geral pode não compreender.

Ao delinear um plano de contas a empresa deverá atentar-se ao tipo de sistema contábil usado, que permita as adaptações necessárias de acordo com as especificidades da empresa, contudo não deixando de observar a estrutura básica que norteia o processo contábil.

A empresa deve manter escrituração contábil com base na legislação comercial e com observância das normas brasileiras de contabilidade.

O balanço patrimonial é uma das demonstrações contábeis que visa a evidenciar, de forma sintética, a situação patrimonial da empresa e dos atos e fatos consignados na escrituração contábil.

Essa demonstração deve ser estruturada de acordo com os preceitos da Lei 6.404/76 (chamada “Lei das S/A”) e segundo os princípios fundamentais de contabilidade.

Tal estrutura de contas, dentro do conceito legal da própria Lei 6.404/76 (artigos 176 a 182 e artigo 187), em síntese, se compõe de ativo, passivo, circulante, não circulante,

realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado, intangível, circulante, não circulante e patrimônio líquido.

As contas patrimoniais são as que representam os bens, os direitos, as obrigações e o patrimônio líquido da organização. São as contas que constam do balanço patrimonial da entidade, sendo que para as representativas dos bens e direitos, temos o ativo e para representativas das obrigações, temos o Passivo.

As contas de resultado representam as Receitas, os Custos e as Despesas. A principal característica dessas contas é que, ao final de cada exercício, os saldos são transferidos para uma conta transitória bilateral, a título de Resultado do Exercício, ou seja, são zeradas quando do encerramento do exercício. Para as contas redituais, representativas de valores positivos, temos o grupo das Receitas e para as representativas de valores negativos, temos o grupo dos Custos e Despesas. (IUDICIBU, 2000, p. 63)

O Plano de contas é a estrutura básica da escrituração contábil. É com sua utilização que se estabelece o banco de dados com informações para geração de todos os relatórios e livros contábeis: Diário, Razão, Balanço Patrimonial, Balancete, Demonstração do Resultado, Análises Contábeis, dentre outros.

Na prática, essa adaptação é feita quase que automaticamente, adotando-se um Plano de Contas que, embora atenda às exigências internas da empresa, não seja excessivamente diferente dos modelos utilizados.

O plano de contas é o instrumento que o profissional consulta quando vai fazer um lançamento contábil, pois indica qual conta deve ser debitada e qual conta deve ser creditada.

A importância da adequada denominação das contas decorre do fato de que as demonstrações contábeis não são de utilização apenas da própria empresa; são também analisadas por auditores, fornecedores, instituições financeiras e, é claro, pelo Fisco.

2.4.3 Centro de Custos

É a menor fração de atividade ou área de responsabilidade para a qual é feita a acumulação de custos. Centros de custos podem coincidir com departamentos, mas segundo Marion (2002), em alguns casos um departamento pode conter vários centros de custo. Por exemplo; um departamento de beneficiamento pode ter apenas um supervisor, mas podem existir várias linhas de beneficiamento. Para cada linha poderíamos criar um centro de custo a parte e avaliá-lo separadamente.

Na conta contabilidade de custos, Martins (2003) comenta que na maioria das vezes um departamento é um centro de custos. O departamento de produção e o departamento de serviços, por exemplo, são considerados centro de custos distintos. Porém comenta que em outras situações podem existir diversos centros de custos dentro de um mesmo departamento.

A noção inicial de contabilidade por responsabilidade dimensionou os centros de custo com a maior ou menor facilidade de seu responsável em poder controlar os custos de seu centro de custo. O problema recaiu numa definição e separação dos custos que seriam controláveis e dos que não seriam controláveis.

Os custos controláveis são os que podem ser regulados em determinado nível de autoridade administrativa. São os diretamente influenciados por um gerente dentro de determinado período. Com frequência, admite-se que os custos variáveis sejam controláveis, e os fixos incontroláveis. Esta forma de pensar pode levar a conclusões errôneas. Por exemplo; o aluguel não é controlável pelo o encarregado da montagem, mas pode ser controlável pelo vice-presidente executivo, que pode ter a responsabilidade de escolher as instalações da fábrica e decidir se a organização deve alugar ou possuir.

2.4.4 Demonstração de Resultado do Exercício

Ao trabalhar seus recursos produtivos a empresa gera novos resultados, e neste período seu ciclo se renova. Nesse aspecto a empresa apresenta-se como uma organização mutável, em constante movimento, criando e produzindo riquezas a todo instante. Torna-se necessário que estes valores que surgem a todo instante sejam apresentados de uma forma organizada, desse modo, surge então, a Demonstração de Resultado.

Em sua elaboração [modelo proposto], o empreendedor de pequenos negócios compreende e avalia todas as variáveis que influenciam o resultado, tais como: política de preços, volumes de produção e de vendas, impostos devidos, custos variáveis e custos fixos, imposto de renda e a magnitude do lucro final em relação ao lucro desejado. (KASSAI, 1997, p. 71).

A Demonstração do Resultado é a demonstração contábil destinada a evidenciar a composição do resultado formado em determinado período de operações da Entidade. O valor do Lucro ou Prejuízo do exercício constitui toda a essência do Demonstrativo de Resultados, pois significa o retorno dos investidores, a compensação pelos riscos em participar de um negócio, ou seja, se apresentar lucro, este representará a remuneração pelo risco, entretanto se apresentar prejuízo, este será bancado pelas pessoas dispostas ao risco. A Demonstração de Resultado evidenciará a formação dos vários níveis de resultados mediante confronto entre as receitas, e os correspondentes custos e despesas.

2.4.5 Fluxo de Caixa

É o expediente mediante o qual se obtêm as entradas e saídas de caixa. Através dele a empresa será capaz de verificar a capacidade de pagamentos por determinado período, se há possibilidade de investimentos, em qual data será melhor programar determinada compra. Enfim, é o orientador da empresa para suas tomadas de decisão.

Denomina-se por fluxo de caixa ao conjunto de ingressos e desembolsos de numerários ao longo de um período projetado. Segundo Oliveira (2000), o fluxo de caixa consiste na representação dinâmica da situação financeira de uma empresa, considerando todas as fontes de recursos e todas as aplicações em itens do ativo.

A Demonstração do Fluxo do Caixa relaciona entradas de dinheiro, em um determinado intervalo de tempo, e segundo Marion (2003), indica a origem de todo dinheiro que entrou no caixa, bem como a aplicação de todo o dinheiro que saiu do caixa em determinado período, e, ainda, o resultado do fluxo financeiro.

2.5. ORÇAMENTO E PROJEÇÃO

O orçamento empresarial é uma ferramenta de planejamento, execução e controle: da previsão de vendas; das compras; dos níveis de estoque (que influenciam no capital de giro); das metas de gastos (fornecedores e despesas operacionais). Enfim, o controle orçamentário permita ao gestor uma visão macro de toda a empresa.

O planejamento e controle orçamentário afastam o micro-empresário da gestão do acaso, em que os problemas são resolvidos quando aparecem. Permitindo a antecipação dos mesmos através de decisões pró-ativas. A prosperidade concretiza-se através do aumento dos resultados que está diretamente ligado ao crescimento do faturamento e/ou redução de gastos.

No caso das micro-empresas a gestão é centralizada ao proprietário, que facilita a implementação do orçamento empresarial. Visto que a proximidade aos colaboradores facilita na coordenação dos esforços necessários ao cumprimento dos objetivos.

O orçamento normalmente é feito em três etapas: previsão, projeção e controle. A fase da previsão comporta todo o trabalho de cálculo propriamente dito, em que colocamos no papel aquilo que a empresa espera e prevê que aconteça para o próximo exercício. É a etapa de elaboração dos quadros orçamentários. Esta primeira etapa deve ser iniciada ao redor de seis meses antes do exercício a ser orçado, e é onde se verificam as condições atuais da conjuntura econômica, das políticas de controle de preços, estimativas de inflação etc. Normalmente, nesta etapa, é que são desenhados os cenários econômicos imagináveis ou possíveis, considerados sempre dentro de condições probabilísticas.

Na fase de projeções, os dados orçados são submetidos aos setores responsáveis e, após o retorno (feedback) das peças orçamentárias e respectivas críticas, é realizado o acerto das previsões iniciais.

“A etapa de controle é a última, em que será verificado se os objetivos previstos foram atingidos, através da análise das variações, em que se analisará o desempenho das áreas de responsabilidade e eventuais correções necessárias a serem feitas” (PADOVEZE, 2000, p. 398).

Para muitos micro-empresários o orçamento empresarial é visto como uma ferramenta de planejamento e controle de resultados necessários, mas utilizada apenas pelos grandes grupos empresariais. De fato os controles orçamentários são mais utilizados em empreendimentos de médio e grande porte.

Para o orçamento dar resultados é preciso a colaboração de todas as pessoas envolvidas no processo (presidência, gerência e operacional). Então o tamanho da empresa é diretamente proporcional aos esforços indispensáveis para conseguir a sinergia dos colaboradores em alcançar os objetivos planejados.

Diversos princípios são elencados para a implantação de um sistema orçamentário. E todos eles são mais fáceis de serem executados nas micro-empresas. Veja as considerações quanto a cada um dos princípios: Envolvimento dos gerentes- os gerentes devem participar ativamente dos processos de planejamento e controle, para obtermos o seu comprometimento. (PADOVEZE, 2000, p.370).

As micro-empresas possuem um quadro gerencial mais reduzido ou em alguns casos inexistente. O que facilita nos esforços de envolvimento dos gerentes no processo orçamentário, que na maioria dos casos partirá apenas do proprietário centralizador.

Comunicação integral: compatibilização entre o sistema de informações, o processo de tomada de decisões e a estrutura organizacional. Expectativas realísticas: para que o sistema seja motivador, deve apresentar objetivos que sejam desafiadores, mas passíveis de serem cumpridos (PADOVEZE, 2000, p.370).

Uma maior proximidade do proprietário com os setores operacionais facilita na percepção dos objetivos planejados. Aproximando-os o mais próximo da realidade e possíveis de serem cumpridos.

Portanto o orçamento empresarial pode ser uma ferramenta facilitadora nas tomadas de decisões. Além de ser perfeitamente possível de ser implementada em micro-empresas. Conhecer e controlar um empreendimento por menor que seja é de fundamental importância para que o mesmo permaneça ativo e gerando resultados satisfatórios aos sócios.

3. METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, foi utilizado o método da entrevista estruturada, com aplicação de questionário. A pesquisa foi direcionada aos proprietários das lanchonetes localizadas no centro de convivência da Faculdade Projeção, Taguatinga Norte.

Barros e Lehfeld (1986) definem a entrevista como uma técnica que permite o relacionamento estreito entre o entrevistado e o entrevistador. Segundo sua forma de operacionalização, ela pode ser classificada em estruturada e não estruturada. As entrevistas são estruturadas quando possuem as questões previamente formuladas, isto é, o entrevistador estabelece um roteiro prévio de perguntas, não há liberdade de alteração dos tópicos ou fazer inclusão de questões frente às situações.

3.6.1 Tipologia Metodológica Quanto aos Procedimentos

Em relação à tipologia de abordagem metodológica quanto aos procedimentos, há uma variada gama de tipos de pesquisa, onde se destacam o estudo de caso e a pesquisa bibliográfica, todas estas aplicáveis à Contabilidade, as quais serão apresentadas em forma de tópicos, atendo-se nos mais importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Estudo de caso: de acordo com Beuren (2003) a pesquisa do tipo estudo de caso caracteriza-se principalmente pelo estudo concentrado de um único caso. Este estudo é preferido pelos pesquisadores que desejam aprofundar seus conhecimentos a respeito de determinado caso específico.

Segundo Andrade e Maria (2003), pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Deste modo, o estudo de caso está mais voltado para pesquisas acerca de um tema bem delimitado, o qual se preocupa com um episódio peculiar ocorrido.

Pesquisa bibliográfica: de acordo com Carlos (1999), pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, as pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Por este tipo de pesquisa ser de natureza teórica, é parte obrigatória de uma pesquisa, pois é dela que se tem o conhecimento das obras científicas existentes.

No que diz respeito a estudos contábeis, percebe-se que a pesquisa bibliográfica está sempre presente, seja como parte integrante de outro tipo de pesquisa ou exclusivamente enquanto delineamento. [...] podem ajudar o estudante a conhecer o que foi produzido de importante sobre o objeto da pesquisa. (BEUREM 2003, p.87)

Resumidamente, a pesquisa bibliográfica é parte essencial para qualquer pesquisa, pois irá explicar o problema a partir de obras já publicadas de outros autores, sendo sua finalidade explicar por diversos ângulos de autores distintos um mesmo tema.

3.6.2 Técnica da coleta de dados

Para a Coleta de dados desta pesquisa foi utilizada a técnica da entrevista estruturada, que de acordo com Chizzotti (1991) é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário.

De acordo com Gil (1996), a entrevista estruturada é quando se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas. Esta técnica consiste em fazer uma série de perguntas a um informante, conforme roteiro preestabelecido, onde esse roteiro pode constituir-se de um formulário/questionário que será aplicado da mesma forma a todos os informantes/sujeitos da pesquisa, para que se obtenham respostas para as mesmas perguntas.

3.6.3 Universo da Pesquisa

O universo dessa pesquisa é o centro de convivência de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal. De acordo com Leite (1978), com a definição de universo pode-se delimitar o campo de pesquisa em termos temporais, geográficos, setoriais ou qualquer outra dimensão cabível com base na disponibilidade ou obtenção de dados ou com o fundamento nos objetivos e nos custos da execução da pesquisa.

Para acessar as informações sobre o universo a ser investigado, Silver (2000) propõe a utilização de listas especializadas como fonte de consulta. A fonte utilizada na presente pesquisa foi uma lista das empresas que compõem o centro de convivência de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal.

A amostra desta pesquisa foi o conjunto das 04 (quatro) lanchonetes localizadas no centro de convivência de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal, correspondendo a cem por cento (100%) do universo. O estudo foi realizado no período de 19 a 26 de outubro de 2009.

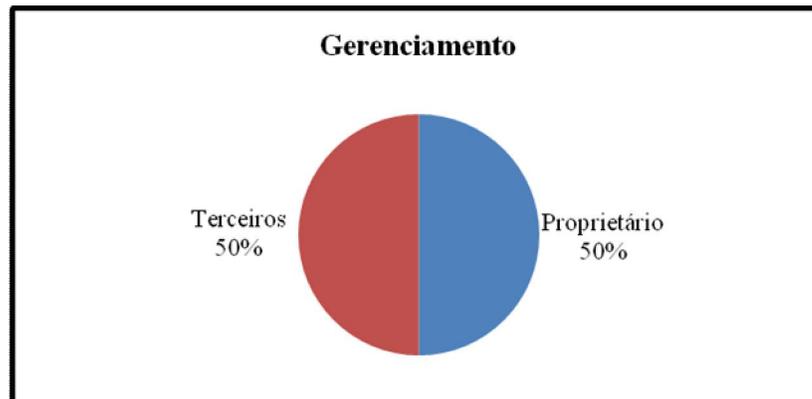
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante o mês de outubro de 2009, foi feita a visita nas lanchonetes do centro de convivência de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal, e aplicado um questionário sobre o conhecimento e a utilização de algumas ferramentas da contabilidade gerencial na administração dos negócios.

Foi elaborado um questionário com questões objetivas que foram respondidas pelos proprietários ou gerentes das empresas visitadas.

Os principais dados obtidos foram alistados em forma de gráficos para melhor visualização e compreensão dos resultados.

GRÁFICO 1 - Quanto ao responsável pelo gerenciamento da empresa



Fonte: Autoria Própria

Apurou-se que cinquenta por cento (50%) das empresas são gerenciadas pelo proprietário e cinquenta por cento (50%) tem um funcionário como responsável pelo gerenciamento do estabelecimento.

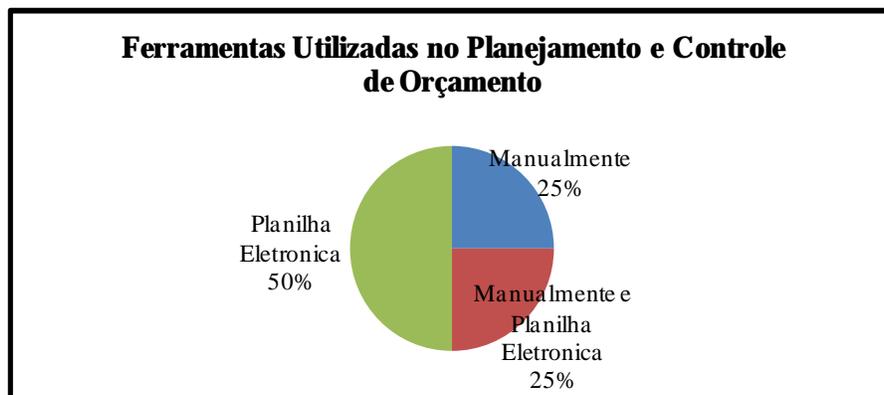
GRÁFICO 2 - Quanto aos registros contábeis



Fonte: Autoria Própria

Todas as empresas visitadas faz os registros e apuração do balanço utilizando os serviços dos escritórios de contabilidade.

GRÁFICO 3 - Quanto ao planejamento e controle de orçamento

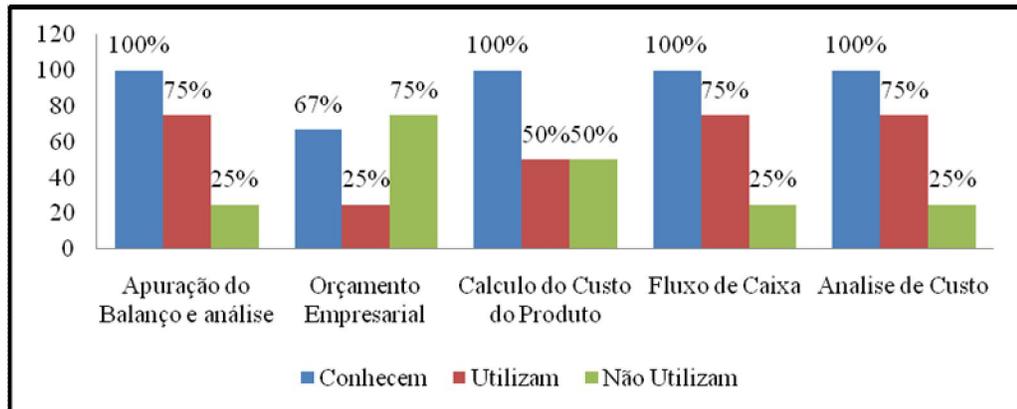


Fonte: Autoria Própria

De acordo com gráfico, constatou-se que vinte e cinco por cento (25%) das empresas investigadas processam as informações financeiras e as informações do processo produtivo de forma manual, ou seja, não utilizam o computador como instrumento para registro e análise das informações financeiras.

Vinte e cinco por cento (25%) utilizam ou processam informações com o auxílio parcial do computador, entretanto cinquenta por cento (50%) das empresas investigadas, processa suas informações financeiras e de produção ou utilizam o computador através de planilhas eletrônicas.

GRÁFICO 4 - Quanto às ferramentas de contabilidade gerencial:



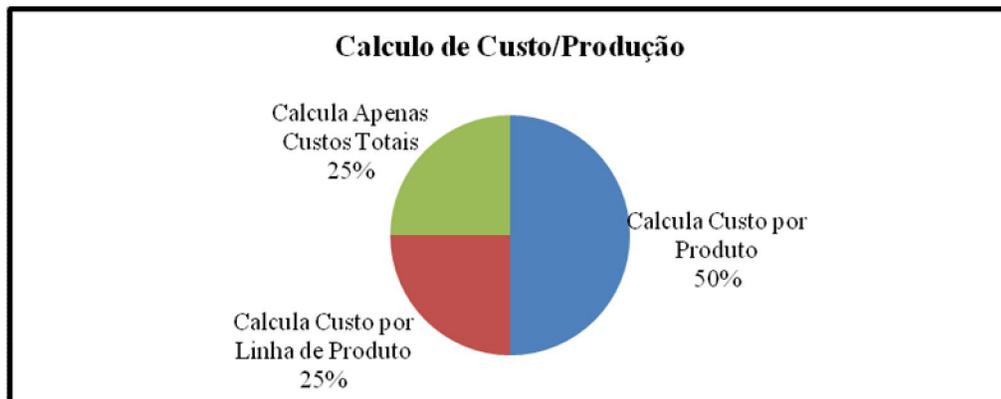
Fonte: Autoria Própria

Verificou-se que cem por cento (100%) dos pequenos empreendedores conhecem a apuração e análise do balanço. Desse total, somente setenta e cinco por cento (75%) se utilizam dessa análise gerencialmente.

Setenta e cinco (75%) dos entrevistados possuem conhecimento dessa ferramenta, e apenas setenta e cinco por cento (75%) desses a consideram na tomada de decisão. Com relação a essa ferramenta gerencial, verificou-se que cem por cento (100%) conhecem e cinquenta por cento (50%) desse total a utiliza na determinação do preço de venda.

Quanto a essa ferramenta verificou-se que cem por cento (100%) a conhecem e a sua utilização por setenta e cinco por cento (75%) dos entrevistados. Dos entrevistados cem por cento (100%) conhecem essa análise e setenta e cinco por cento (75%) a utiliza no processo de decisão.

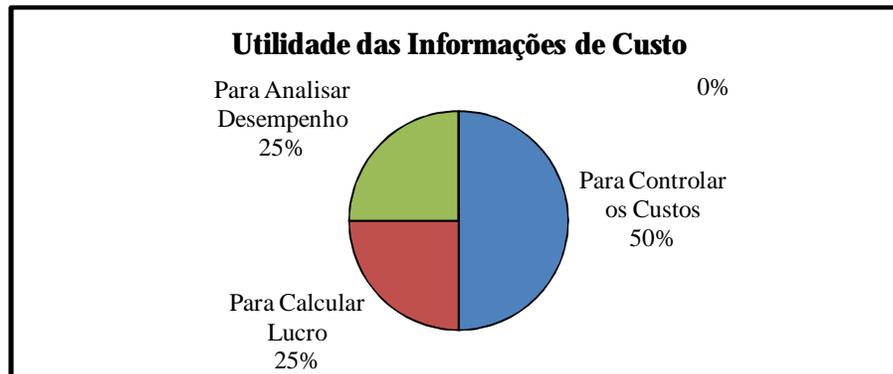
GRÁFICO 5 - Quanto ao calculo de Custo/Produção:



Fonte: Autoria Própria

De acordo com os resultados apresentados, constatou-se que cinquenta por cento (50%) das empresas investigadas utiliza o método de cálculo dos custos por produto, enquanto vinte e cinco por cento (25%) das empresas investigadas fazem esse cálculo por linha de produto e vinte e cinco por cento (25%) calculam apenas os custos totais do período.

GRÁFICO 6 - Quanto a utilidade das informações de custos



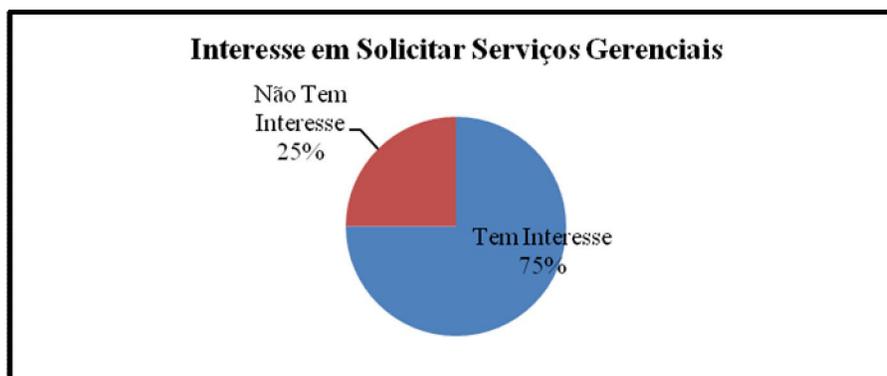
Fonte: Autoria Própria

Buscamos também investigar a utilidade que é atribuída às informações de custos, visto que isso permite identificar o valor atribuído pelos gestores e esta importante informação gerencial.

De acordo com o gráfico, foi observado que uma das utilidades das informações de custos é atribuída ao controle dos gastos relativos aos processos produtivos e é utilizada por cinquenta por cento (50%) das empresas.

A utilização dessa informação para o cálculo de lucro é utilizada por vinte e cinco por cento (25%) das empresas e os outros vinte e cinco por cento (25%) utilizam para análise de desempenho.

GRÁFICO 7 - Quanto ao interesse em solicitar serviços gerenciais:



Fonte: Autoria Própria

Foi questionado se os proprietários dessas pequenas empresas se interessavam em solicitar os serviços gerenciais. Dos entrevistados, setenta e cinco por cento (75%) se interessam por esse ramo da contabilidade e apenas vinte e cinco por cento (25%) não tem interesse por esse ramo da contabilidade.

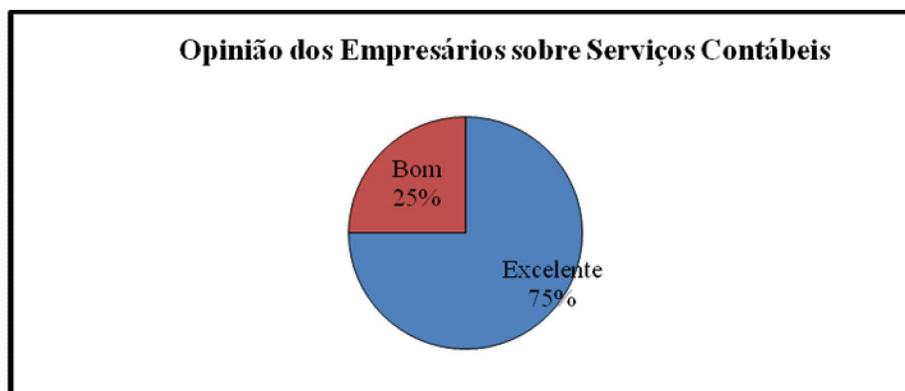
GRÁFICO 8 - Quanto ao uso das informações do contador para planejamento de atividades nas empresas:



Fonte: Autoria Própria

Em relação ao uso das informações da contabilidade no planejamento das atividades dentro da empresa, constatou-se que cinquenta por cento (50%) das empresas utilizam as informações do contador e cinquenta por cento (50%) não utilizam.

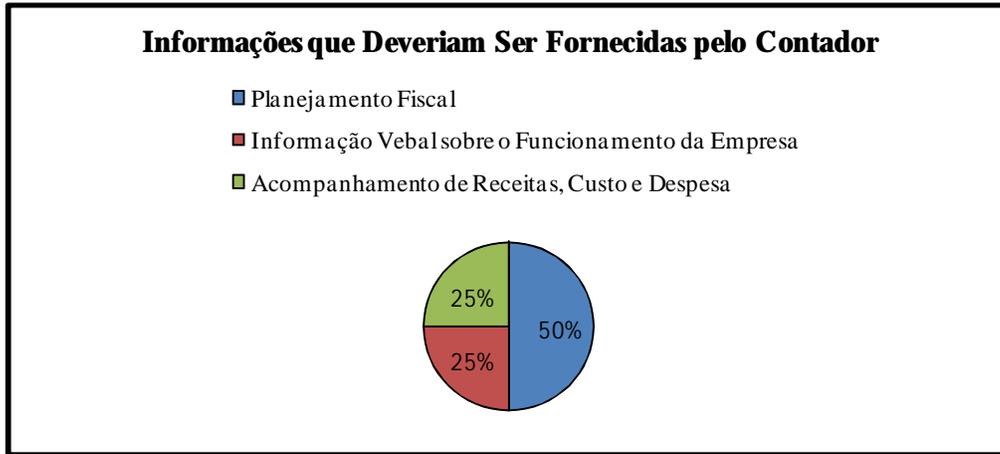
GRÁFICO 9 - Quanto a opinião do empresário sobre os serviços contábeis:



Fonte: Autoria Própria

Verifica-se que as empresas encontram-se satisfeitas com o serviço do profissional contábil, a maior parte das empresas consideram excelente a participação do contador para sobrevivência das empresas. Cerca de setenta e cinco por cento (75%) das empresas consideram excelente e vinte e cinco por cento (25%) considera bom.

GRÁFICO 10 - Quanto às informações que deveriam ser fornecidas pelo contador:



Fonte: Autoria Própria

Esta parte da pesquisa mostra que cinquenta por cento (50%) das empresas gostariam que as empresas lhes auxiliassem fornecendo informações sobre planejamento fiscal, vinte e cinco por cento (25%) gostariam de receber informações verbais sobre a situação da empresa e vinte e cinco por cento (25%) gostariam de acompanhamento sobre Receitas, Custo e Despesas.

4.1. ANÁLISE DOS DADOS

Como podemos observar pelos dados da pesquisa, a contabilidade gerencial é parte fundamental da administração da empresa. Com a utilização de seus recursos pode-se prever muitos problemas ou antecipar soluções. O fato de cem por cento (100%) das empresas entrevistadas se utilizarem dos escritórios de contabilidade para efetuar os registros contábeis é um dos motivos pelos quais os pequenos empresários não se interessam pela contabilidade gerencial. Quando foi perguntado sobre esse interesse, setenta e cinco por cento (75%) dos entrevistados realmente se interessaram em conhecer e aplicar as ferramentas gerenciais na empresa.

Uma outra observação é que a análise custo/volume/lucro é a ferramenta gerencial mais conhecida. O fluxo de caixa, considerado bem divulgado no meio empresarial, é utilizado por apenas setenta e cinco por cento (75%) dos entrevistados.

A questão facultativa da contabilidade gerencial faz com ela passe a existir na empresa somente se houver pessoas que consigam traduzir os conceitos contábeis em atuação prática.

5. CONCLUSÃO

As pequenas empresas precisam de apoio gerencial que lhes auxiliem a se consolidarem no mercado no ramo em que atuam com a finalidade de terem perspectivas reais de crescimento. A contabilidade gerencial é um importante instrumento para as pequenas empresas, tendo em vista que nessas empresas já existe a contabilidade tradicional, cabe ao contador aprimorar suas funções, com o objetivo de disponibilizar informações gerenciais que colaborem para a atuação do gestor.

A contabilidade gerencial também permite um melhor controle sobre elementos que influem diretamente na empresa, como custo, preço de produtos e finanças, havendo a possibilidade de serem realizados controles mais efetivos.

Todavia sem um instrumento de gestão, como a contabilidade gerencial, dificilmente as pequenas empresas conseguirão estabelecer ações administrativas que garantam sua sobrevivência no mercado, pois os recursos disponibilizados, no que diz respeito a administração são de grande ajuda, apresentando, de forma sistemática, a própria estruturação da organização, contribuindo para que sejam previstas determinadas condutas gerenciais que representem o aprimoramento constante das atividades desempenhadas pela organização, garantindo sua existência no mercado em que atua.

A presente pesquisa expõe a importância da Contabilidade Gerencial como instrumento de apoio aos Micros e Pequenos Empresários na gestão dos negócios, que em um mercado altamente competitivo, torna-se imprescindível ter conhecimento de sua empresa e administrá-la de maneira eficiente e eficaz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós graduação: noções práticas**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ATKINSON, Anthony A et al. **Contabilidade Gerencial**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BARROS, Aidil J. P. e LEHFELD, Neide, A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica**. São Paulo, McGraw-Hill, 1986.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.

CHIZZOTTI, A. **A Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Gerencial: teoria e pratica**. São Paulo: Atlas, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

IUDICIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. **Introdução à Teoria da Contabilidade**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, J. A. A. **Metodologia de Elaboração de Teses**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1978.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Rosilda Baron. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Juruá, 2005.

MOTTA, Paulo Roberto. **Gestão Contemporânea: a Ciência e a Arte de ser Dirigente**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade Gerencial: um enfoque em sistemas de informação contábil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

RICARDINO, Álvaro. **Contabilidade Gerencial e Societária: origens e desenvolvimento.** São Paulo: Saraiva, 2005.

Reis, E. A. **Aspectos da depreciação de ativos sob a ótica da gestão econômica.** São Paulo: 1997.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** São Paulo: DP&A, 1999.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro. **Metodologia da Pesquisa aplicada à Contabilidade.** São Paulo: Atlas, 2003.

SILVER, M. **Estatística para Administração.** São Paulo: Atlas, 2000.